



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao Diário do Povo da China

Pequim-China, 24 de maio de 2004

Obs: Por motivos técnicos, não foi possível gravar o início desta entrevista.

Presidente: ...minério de ferro para a China. Nós queremos exportar e importar conhecimento; nós queremos exportar e importar produtos de alta tecnologia, com grande valor agregado; nós queremos estabelecer uma relação de confiabilidade entre China e Brasil, a ponto de trabalharmos cada vez mais juntos na Organização Mundial do Comércio, nas Nações Unidas, ou seja, nós queremos, efetivamente, ser parceiros do ponto de vista político, parceiros do ponto de vista econômico, parceiros do ponto de vista empresarial, parceiros do ponto de vista comercial e cultural. É essa a expectativa que eu trago na conversa com os governantes da China e eu tenho certeza de que é essa a expectativa que o governo da China tem com relação ao Brasil.

O Brasil é um país que não tem problemas com a China. Não temos problemas do passado, não temos problemas do presente e trabalharemos para não termos problema no futuro. Portanto, a relação Brasil e China é uma relação muito saudável. Nós não temos contenciosos políticos históricos. Nós poderemos fazer tudo, porque somos dois países que têm importância no mundo. É essa a expectativa que me trouxe à China.

Jornalista: Nesta viagem, com muitos empresários brasileiros a seguir a sua viagem à China, nesses dias, eles têm contatos com empresários chineses. Então, o que você espera (incompreensível) acordos, contratos concretos ou já tem aceito contratos nessa viagem, já há resultados?



Presidente: Olhe, eu vou lhe dar um exemplo que vocês presenciaram ontem. Eu penso que vocês presenciaram ontem uma coisa importante que nós, no Brasil, damos muita importância. A Petrobras é uma empresa muito significativa para nós, brasileiros. É uma empresa de tecnologia de ponta, a maior empresa brasileira, a que detém a melhor tecnologia de prospecção em grandes profundidades, uma empresa altamente lucrativa, portanto, uma empresa altamente cuidadosa. Ontem, quando eu vi a Petrobras inaugurar o seu escritório em Pequim, eu me dei conta da seriedade do que nós estamos fazendo com a China. Porque...

Jornalista: Seriedade?

Presidente: Da seriedade, ou seja, da realidade...

Jornalista: (em chinês)

Presidente: Ou seja, porque a Petrobras fincou o seu pé na China para contribuir com a China, para fazer parceria com a China, para tentarem ocupar novos espaços em outros países, em outros mares. Isso, para mim, foi muito significativo.

Quando uma Embraer faz acordos com empresas chinesas para produzir aviões aqui, na China, é uma demonstração do carinho, do respeito que nós estamos tendo na nossa relação com a China. Quando a companhia Vale do Rio Doce faz as parcerias que faz com as empresas chinesas, é outra demonstração de que essa relação é uma relação que veio para ficar, não é uma relação temporária ou eminentemente comercial. E eu fico torcendo para que essa quantidade enorme de empresários que vieram conosco, muitos para fazer negócio, outros curiosos para saber o que tem na China... Toda relação



começa assim.

Então, eu trabalho com uma expectativa excepcional de que, nos próximos meses, possam ser consolidados vários acordos entre empresas brasileiras e empresas chinesas, entre o governo brasileiro e o governo chinês. Tem aí governadores importantes, do estado de São Paulo, do estado de Minas Gerais, do estado do Mato Grosso do Sul, do estado do Piauí, do estado do Acre, ou seja, fazer negócio sobre a carne, fazer negócio sobre a madeira, fazer negócio sobre a indústria, sobre o setor siderúrgico. As perspectivas são extraordinárias. Vai depender da competência dos nossos empresários, vai depender da competência dos empresários chineses e vai depender, sobretudo, da disposição política do meu governo e do governo chinês.

Jornalista: E como você vai conseguir [fazer] os negócios, intercâmbios, cooperações econômicas entre os dois países crescerem rapidamente, mas ainda... nós também notamos que ainda tem dois problemas nos dois lados, no comércio bilateral. Um é: o Brasil ainda não considera a China como uma economia de mercado. Por outro lado, a China ainda não resolveu o problema de exame sanitário dos produtos agrícolas do Brasil. Então, como você acha que essa viagem poderia dar um passo, um impulso para resolver esses dois problemas, ou você acha que... o que vamos querer fazer para resolver esses dois problemas, por cada lado?

Presidente: Não, primeiro que eu acredito que tanto da parte nossa, do Brasil, quanto da parte do governo chinês, nós já demos passos importantes para resolvermos esses dois problemas. Eu acho que nós estamos andando a passos largos, e eu penso que logo, logo, esses dois problemas não serão mais obstáculos na boa relação China-Brasil.

Jornalista: E agora, como a China conseguiu um crescimento econômico



rápido (incompreensível), nós também notamos que algumas notícias saíram nos jornais do Brasil e de outros países latino-americanos, que algumas empresas ou personalidades têm preocupação com a expansão dos produtos chineses na América Latina. Então, alguns acham que o crescimento econômico da China seria uma oportunidade para os países latino-americanos, e outros têm preocupação, porque eles tendem a reduzir a oportunidade de empregos... Então, o que você considera, qual é a sua opinião?

Presidente: Olha, deixa eu lhe dizer a minha visão sobre a relação comercial entre dois países. Primeiro, a relação comercial boa e saudável é aquela em que exista um certo equilíbrio entre exportação e importação. Ou seja, se na balança comercial houver muito desequilíbrio para um ou outro lado, isso não é muito bom. O que é importante é que haja um certo equilíbrio entre exportação e importação, para que os dois países possam crescer e se desenvolver.

Eu confesso que não há nenhum problema, nenhum temor nessa relação com a China no Brasil e em vários países da América do Sul. Se você tem esse problema na América do Norte, na América do Sul nós não temos esse problema.

Eu acho que eu não posso falar pelos outros países, mas eu poderia dizer pelo Mercosul. Nós temos todo interesse de fazer com que essa relação com a China cresça cada vez mais. Nós queremos que a China compre e queremos que a China venda. Nós queremos exportar conhecimento para a China e queremos importar conhecimentos. Essa troca saudável e equilibrada é que vai dar possibilidade do desenvolvimento maior dos dois países.

_____ : Nós não vemos a China como um risco estratégico. Nós vemos a China como uma oportunidade estratégica.

Jornalista: E Vossa Excelência falou sobre Mercosul. Nós temos interesse em



perguntar: O Brasil é um dos mais importantes membros do Mercosul. Então, como poderia fazer o Brasil no impulso das relações entre a China e o Mercosul, principalmente para dar impulso às relações do Brasil [da China] com os países da América do Sul? O que podemos fazer (incompreensível)?

Presidente: Olhe, primeiro, se o Brasil, se depender do Brasil, nós seremos, com muito prazer, o caminho de passagem da China para a América do Sul. Eu sei que no próximo mês virá aqui o presidente da Argentina. A Argentina é, junto com o Brasil, os dois principais países do Mercosul. Nós estamos trabalhando para que, até o final do ano, toda a América do Sul esteja dentro do Mercosul. E eu acho que isso vai facilitar, de forma extraordinária, a participação da China na relação com esses países via Mercosul.

Portanto, nós, brasileiros, queremos dar a nossa contribuição para que a China tenha mais acesso ao Mercosul, à América do Sul, e que a América do Sul tenha mais acesso à China. Essa troca comercial, essa troca de conhecimento certamente será muito boa para a América do Sul e para a China.

Jornalista: É uma pergunta que foi feita pelo meu colega, agora eu esqueci, para complicar... Eu queria... Nossos leitores queriam saber qual a posição do Brasil sobre o problema de Taiwan, porque no dia 20 de maio Taiwan mudou o dirigente. Então, nesse caso, qual a posição do Brasil? Porque eu li o jornal, algumas pessoas críticas à posição do governo do Brasil sobre Taiwan. Me diz qual a sua opinião.

Presidente: Não, primeiro eu vou permitir que o meu ministro das Relações Exteriores diga qual foi a posição do Brasil neste ano, votando favoravelmente à China.



Ministro Celso Amorim: Eu acho que tudo isso que o Presidente estava falando se lastreia numa relação política primorosa. O Brasil sempre reconhece e tem reconhecido a política de uma só China, com capital em Pequim. Reiteramos isso de maneira clara, numa nota, no momento em que se falava do possível plebiscito em Taiwan, para não deixar nenhuma dúvida sobre o total apoio do Brasil à política de uma só China, sempre reiterado. O Presidente terá ocasião de reiterar isso também em comunicado conjunto com os dirigentes chineses nas palestras que fará. Do outro lado, o Brasil, creio que... Bom, na América do Sul, dos grandes países, é o único que deu apoio pleno à China na Comissão de Direitos Humanos, em dezembro, o que é uma evolução positiva, porque os direitos humanos foram incluídos na Constituição chinesa, e com isso nós quisemos também demonstrar, digamos, a importância política e a boa vontade que existe do ponto... do Brasil em relação à China. Nós achamos que isso também tem que ser a base para um relacionamento econômico e comercial da maior importância.

Jornalista: E agora tem muitas empresas chinesas [que] têm interesse de investir no Brasil. Eles procuram oportunidade, mas para eles... ainda não sabem muito bem quais oportunidades existem no Brasil para esses investimentos, algumas vantagens oferecidas pelo governo brasileiro ou pelos governos locais, como estaduais, como ...

Presidente: Municipais.

Jornalista: ...municipais. O senhor poderia falar em resumo sobre essas vantagens para as empresas brasileiras?

Presidente: Olhe, nós estamos tentando discutir com os grupos econômicos aqui, na China, investimentos em vários setores, mas, sobretudo, no setor de



infraestrutura, no setor de transporte, sobretudo no setor de ferrovia, no setor de energia, onde o Brasil tem um grande conhecimento, e nós queremos fazer essa parceria. Na área espacial nós já temos um bom acordo com a China e queremos aprimorar esse acordo para lançarmos outros satélites com os chineses e temos a Vale do Rio Doce, exemplo de empresas brasileiras que confiam na China e que aqui estão, fazendo parcerias aqui na China. Nós queremos repetir a mesma parceria lá no Brasil, nas áreas em que os chineses entenderem que é importante para os investimentos chineses.

O Brasil não tem... nós não temos uma preferência: queremos apenas esse ou aquele setor. Nós queremos, primeiro, que os chineses conheçam profundamente o Brasil por dentro e, a partir daí, discutamos, juntos, onde os chineses querem investir. Eu acho que o setor siderúrgico, o setor de ferrovia, o setor de transporte como um todo, o setor espacial são setores importantes em que a China pode estabelecer essa parceria com o Brasil e fazer os seus investimentos.

Ministro Celso Amorim: Presidente, complementar um pouquinho? Duas coisas que eu acho que são importantes. Primeiro, que o maior incentivo é o próprio tamanho do mercado brasileiro e o da América do Sul, a integração da América do Sul que dá, digamos, oportunidade para grandes investimentos na infraestrutura, como o Presidente estava dizendo. Esse é o maior incentivo. O segundo grande incentivo, que eu acho, é o ambiente de amizade que existe pela China no Brasil, independentemente até de partidos políticos. No Brasil, a China nunca vai correr o risco de ter um deputado ou um congressista pedindo sanções, ou isso ou aquilo. Vai sempre encontrar um ambiente de grande amizade e um ambiente de grande fraternidade, que é muito propício aos investimentos e às relações.

Jornalista: Presidente, é um tempo muito limitado...Então eu faço as últimas



duas perguntas sobre a sua própria vida. Eu acho... Eu trabalhei no Brasil há vários anos, eu sempre estava quando você estava concorrendo à eleição. Finalmente você conseguiu, foi eleito com alta taxa de votos, mais, como se diz, a maioria dos votos, isso é parabéns para você, então nós queremos saber então: agora você é o Presidente, é o líder dos trabalhadores, Presidente de um grande país. Você acha que agora tem condições para realizar o seu sonho, quando você estava lutando pelo bem-estar dos trabalhadores? Acha que isso é mais fácil ou mais difícil quando você está trabalhando como Presidente?

Presidente: Veja, eu acho que eu continuo tendo a convicção e a certeza de que será plenamente possível nós concretizarmos aquilo que nós aspirávamos quando éramos candidato. Lógico que quando você ganha a eleição, você percebe que as coisas não acontecem nem no tempo, nem com a facilidade que as pessoas acreditam que possa acontecer. Eu não posso, em apenas quatro anos, recuperar todas as dívidas sociais que foram acumuladas durante 500 anos no Brasil, é humanamente impossível. Nem os países que fizeram revoluções conseguiram fazer isso em pouco tempo, ou seja, tem países com 40 ou 50 anos que estão construindo ainda esse processo.

Mas o que eu digo sempre é o seguinte: quando terminar o meu mandato, dia 31 de dezembro de 2006, eu quero fazer uma comparação entre o que aconteceu nos meus quatro anos e o que aconteceu no governo dos outros. E eu não tenho dúvida nenhuma de que nós teremos um saldo extraordinariamente positivo no final do governo: investimento na área da saúde, investimento na área da educação, investimento na geração de empregos, investimento na agricultura familiar, investimento na reforma agrária. Ou seja, há 20 anos o Brasil reclamava de uma política industrial e nunca teve. Nós estamos construindo uma política industrial.

O Brasil tinha uma relação internacional um pouco acanhada, um pouco



como se fosse um país pequeno. Nós resolvemos mostrar ao mundo que o Brasil pode ser um ator positivo na política internacional, ganhamos muita importância nesses 15 meses. A nossa relação com a China é um exemplo disso, o que nós crescemos no último ano é uma coisa excepcional, e vamos continuar crescendo muito mais.

De forma que, depois de 15 meses de governo, eu estou mais otimista hoje do que estava há 15 meses atrás.

Jornalista: Presidente, recentemente um jornal americano considera que você é um dos líderes mais influentes do mundo. Então sobre a globalização econômica, como você acha, qual a sua opinião: como os países em desenvolvimento poderiam enfrentar esse desafio da globalização, principalmente a China e o Brasil, os dois maiores países em desenvolvimento?

Presidente: Eu penso que nós já demos um passo importante: a criação do G-20, em Cancún, o Grupo dos Vinte, lá em Cancún, é uma demonstração de que nós juntamos, no G-20, os maiores países do mundo em população, juntamos todos os países em desenvolvimento. E eu acho que isso deu a garantia de que, se nós continuarmos trabalhando juntos nos organismos multilaterais, nós passaremos a ter muito mais força e muito mais influência nas decisões dos países considerados ricos.

Eu estou certo de que nós estamos no caminho certo, de que nós estamos fazendo a política correta e de que o mundo desenvolvido haverá de olhar para a China, para Brasil, para a Índia, para a África do Sul com outros olhos, e perceber que nós temos mais influência do que eles imaginavam que nós teríamos. Por isso que é importante, extremamente importante, essa parceria China-Brasil.



Jornalista: Há três anos, você já visitou a China. E, agora, você já chegou a Pequim há dois dias. Qual a sua impressão nesta viagem, deixada nesses primeiros dois dias aqui, em Pequim?

Presidente: Olha, a última vez que eu visitei a China, grande parte dessas árvores aqui já se transformaram em árvores e estavam sendo plantadas nas avenidas de Pequim, ou seja, e todas já cresceram e já se consolidaram. Eu acho que se consolidaram da mesma forma que se consolidou a relação Brasil e Argentina [China]. Obviamente...

Jornalista: China.

Presidente: Brasil e China. Obviamente que nós temos relações há 30 anos, mas nunca vivemos um momento tão promissor como estamos vivendo agora. Eu tenho conversado com gente da minha delegação que veio aqui há quatro ou cinco anos. Eles estão assustados com o crescimento, com a desenvoltura do desenvolvimento da China. Eu acho que isso demonstra que os chineses acertaram o passo, estão no caminho certo. E eu espero que isso possa favorecer a boa relação entre China e Brasil.

Jornalista: No Brasil, você sempre vai ler as notícias sobre a China, e quais as origens dessas notícias? Você vai obter acesso pessoalmente à internet...

_____ : O senhor procura na internet as notícias sobre a China, ou lê por outros canais?

Presidente: Ah, não lemos por tudo: pela internet, pela televisão, pela imprensa. Neste momento histórico, neste momento histórico...



_____ : telegramas da nossa embaixada.

Presidente: Neste momento histórico, a embaixada, neste momento histórico, a imprensa brasileira está dando muita importância à relação China-Brasil. Acho que nunca, nunca uma viagem teve tanto destaque como está tendo esta viagem, na imprensa brasileira.

Ministro Celso Amorim: Nenhuma viagem, para nenhum outro país.

Presidente: E muito positiva a impressão que a imprensa brasileira está tendo da viagem. E, depois, nós temos o Ministério das Relações Exteriores muito ativo, e eu acho que isso contribui muito.

(\$31DHJMQ)